



ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS NAS BRINCADEIRAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA *

Samantha Cristina Macedo Périco¹

Luiz Antonio de Oliveira²

Introdução

As identidades de gênero expressas em uma organização social não possuem correlação direta com elementos sexuais biológicos e fisiológicos, de forma que o sexo de nascimento de um indivíduo não determina sua constituição de gênero a não ser pela imposição estereotipada que lhe se imputa cultural e socialmente (SCOTT, 1995). Sendo assim, instituições sociais exercem influência nesse processo de construção de identidades, incluindo a escola, isso porque as reproduções sociais e interações no que tange aos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres também acontecem nesse espaço (VIANNA; FINCO, 2009); (FINCO, 2010).

Quando a temática é pensada na esfera da educação infantil, ela se defronta com as especificidades dessa fase do desenvolvimento humano, uma vez que estas crianças ainda estão iniciando o processo de construção de identidade. Momento pelo qual as características socialmente atribuídas aos sexos já começam a ser internalizadas. Desde muito cedo, as crianças observam, aprendem e reproduzem esses elementos, por meio do universo infantil, ou seja, por meio do brincar (HANSEN et al., 2007).

Pesquisas indicam que as preferências, ao longo da primeira infância, no que se refere às brincadeiras, decorrem de estereótipos de papéis sociais

*DOI – 10.29388/978-65-86678-78-9-0-f.43-58

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UENP (PPed/UENP).

² 4 Doutor em Educação. Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE) da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus de Cornélio Procópio. luizantonio@uenp.edu.br.

atribuídos a homens e mulheres. Adultos e crianças, através das relações estabelecidas nas escolas de educação infantil, constroem juntos esses estereótipos. Isso ocorre por meio das linguagens, símbolos comportamentais e estímulos que os adultos fornecem para os pequenos que, por sua vez, vão internalizando e construindo concepções acerca do masculino e do feminino (VIANNA; FINCO, 2009), (BÍSCARO, 2009), (FINCO, 2010); (WENETZ, 2012); (LEITE; FEIJÓ; CHIÉS, 2016); (INOUE, 2018).

Contudo, elaborações estereotipadas e binárias de masculinidade e feminilidade no brincar implicam em um desenvolvimento infantil não igualitário, uma vez que as brincadeiras são instrumentos de aprendizagem infantil que permitem o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social. Portanto, existindo diferença no brincar de meninos e meninas, de acordo com os papéis de gênero que lhes foram sendo imputados, também ocorrem diferenças nos seus processos de desenvolvimento humano; (MELLO, 2003). Sendo assim, identificar como estas elaborações de masculinidade e feminilidade, no que diz respeito ao brincar, vêm ocorrendo nos espaços escolares permite a reflexão e o estudo de práticas que visem à oferta de experiências voltadas para o desenvolvimento global igualitário para meninos e meninas.

Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo geral discutir acerca do papel das brincadeiras infantis nas construções de gênero e sobre o impacto dessas construções no desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social de meninos e meninas. Para instrumentalizar esta discussão é importante identificar como as construções de masculinidade e feminilidade, através do brincar, vêm ocorrendo nas escolas de educação infantil. Para tanto esse estudo teve como objetivos específicos os de identificar a produção científica acerca das questões de gênero e do brincar na educação infantil através de revisão sistemática na base de dados Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Em seus aspectos quantitativos de produção para identificação dos resultados, reflexões e discussões nas pesquisas sobre o tema.

A importância da revisão sistemática da temática se evidencia pela necessidade de reunir o conhecimento produzido no que diz respeito às questões de gênero na educação infantil, de forma a instrumentalizar discussões, reflexões e posteriores estudos que sejam capazes de contribuir para uma educa-

ção igualitária para meninos e meninas desta etapa da educação básica. A revisão sistemática foi realizada na base de dados Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando como descritores os termos: identidade de gênero, construção social de gênero, estereótipo de gênero, igualdade de gênero, políticas educacionais de gênero; educação infantil, primeira infância; brincadeiras infantis, atividades infantis, atividades lúdicas infantis, brincar. Após os resultados levantados pelo sistema CAPES, foi realizada leitura exploratória e retirados os resultados que não correlacionavam as variáveis Educação Infantil, Brincadeiras e Gênero, de modo que foram selecionados apenas os estudos que correlacionavam essas três dimensões em suas investigações.

A produção científica acerca das questões de gênero e o brincar na educação infantil: aspectos quantitativos de produção

No que tange aos aspectos quantitativos de produção identificou-se que os programas de Mestrado Acadêmico constituem grupos de maior interesse no tema, correspondendo a 76,92% da publicação encontrada. Verificou-se também que, apesar de existir um número significativo de estudos sobre questões de gênero, ainda assim são poucas as investigações relacionadas ao brincar na etapa escolar da educação infantil, conforme observa-se na tabela 1 e 2:

Tabela 1. Produções de gênero na EI por nível de PG (1999 – 2019)

Tipos	Quantidade	Porcentagem
Dissertações de Mestrado	30	76,92%
Teses de Doutorado	7	17,94%
Mestrado Profissional	1	2,57%
Especialização	1	2,57%
TOTAL	39	100%

Fonte: PERICO (2019) Revisão sistemática na BDCTD CAPES

Os trabalhos apresentados na tabela 1 tiveram como expressivas referências as pesquisadoras Guacira Lopes Louro sendo citada 155 vezes e também a estudiosa Silvana Vilodre Goellner sendo citado 98 vezes. Com isso, conclui-se que ambas as autoras possuem forte influência na investigação acerca de gênero no brincar da educação infantil. Os textos mencionaram 801 vezes a expressão educação infantil e gênero, demonstrando que estes correlacionaram as variáveis propostas e, portanto, analisaram o gênero através do brincar na educação infantil. É interessante ressaltar que as principais pesquisadoras dentro da temática são mulheres, o que corrobora a afirmação de que o entendimento não naturalista de gênero ganha centralidade nas investigações com a entrada das mulheres no mundo da ciência como nos explicita Rago, já em 1998. Deste modo, evidencia-se a importância do advento dos estudos de autoria feminina também para a educação de meninos e meninas, de modo a garantir um desenvolvimento integral igualitário para todas as crianças.

Tabela 2. Produções de gênero na EI por nível de PG por ano (1999 – 2019)

Ano	Quantidade	Porcentagem
1999	0	2,55%
2000	1	0%
2001	0	0%
2002	1	2,55%
2003	1	2,55%
2004	1	2,55%
2005	3	7,70%
2006	2	5,14%
2007	2	5,14%
2008	1	2,55%
2009	3	7,70%
2010	2	5,14%
2011	4	10,26%
2012	1	2,55%
2013	4	10,25%
2014	3	7,70%
2015	2	5,14%

2016	4	10,25%
2017	2	5,14%
2018	2	5,14%
2019	0	0%
TOTAL	39	100%

Fonte: PERICO (2019) Revisão sistemática na BDCTD CAPES

Quanto às áreas do conhecimento, nota-se que a temática ganha centralidade nas ciências humanas e ciências da saúde, configurando-se como objeto de interesse das mesmas, apesar de ser possível observar que alguns estudos foram realizados sob a ótica de outras áreas do conhecimento. Estes dados podem ser melhor visualizados na tabela 3:

Tabela 3. Produções de gênero na EI por nível de PG - grandes áreas (1999 – 2019)

Áreas	Quantidade	Porcentagem
Saúde	6	15,40%
Humanas	27	69,23%
Sociais Aplicadas	1	2,56%
Linguísticas, letras e artes	1	2,56%
Multidisciplinares	4	10,25%
TOTAL	39	100%

Fonte: PERICO (2019) Revisão sistemática na BDCTD CAPES.

A revisão sistemática realizada permitiu a identificação de que diversas unidades de ensino superior e cursos de pós-graduação estão preocupados com o estudo da temática envolvendo as variáveis supramencionadas.

As instituições que apresentaram maiores índices de pesquisas acerca de gênero, brincar e educação infantil foram a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e a Universidade de São Paulo, as responsáveis pelo maior número de publicações, a primeira com 6 estudos e 15,39%, a segunda com 5 estudos e 12,82% das investigações encontradas, sendo ambas da região sul do país. Com isso, verifica-se uma ampla distribuição entre instituições

pesquisadoras, universidades de todo o território brasileiro, porém havendo predominância na região sul, conforme pode ser analisado na tabela que segue:

Tabela 4. Produções de gênero na EI por nível de PG por instituições (1999 – 2019)

Ano	Quantidade	Porcentagem
Fund. Universidade Fed. do Mato Grosso do Sul	1	2,56%
Universidade Católica Dom Bosco	1	2,56%
Universidade de Brasília	1	2,56%
Universidade de Caxias do Sul	1	2,56%
Universidade de São Paulo	5	12,82%
Universidade do Estado de Santa Catarina	2	5,12%
Universidade Sagrado Coração	1	2,56%
Universidade Sul de Santa Catarina	2	5,12%
Univers. Estad. Paulista Júlio de Mesquita Filho	6	15,39%
Universidade Estad. de Maringá	1	2,56%
Universidade Federal da Bahia	2	5,12%
Universidade Federal da Paraíba	2	5,12%
Universidade Federal de Lavras	1	2,56%
Universidade Federal de Minas Gerais	2	5,12%
Universidade Federal de Santa Catarina	3	7,70%
Universidade Federal de São Carlos	3	7,70%
Universidade de Uberlândia	1	2,56%
Universidade Federal de Viçosa	1	2,56%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	2,56%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1	2,56%
Universidade Federal de Piracicaba	1	2,56%
TOTAL	39	100%

Fonte: PERICO (2019) Revisão sistemática na BDCTD CAPES.

Os dados quantitativos subsidiam a compreensão da amplitude investigativa sobre a questão, contudo é importante ressaltar que eles são insuficientes no que se refere à qualidade destas pesquisas, buscou-se uma

análise envolvendo dados quantitativos e qualitativos de forma a instrumentalizar a discussão.

A produção científica sobre as questões de gênero e o brincar na educação infantil: resultados, reflexões e discussões

Dentre as pesquisas encontradas na base de dados Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (TEIXEIRA, 2000); (SPINELLI 2003); (GOMES, 2005); (CRAVO, 2006); (BEZERRA, 2006); (BÍSCARO, 2009) (FINCO, 2010); (WENETZ, 2012); (INOUE, 2018), verificou-se que demonstraram que o processo de construções das identidades de gênero que ocorrem na educação infantil decorrem de um processo diário permeado pelas brincadeiras e atividades que ocorrem no espaço escolar. Os estudos identificaram também que a educação infantil, no Brasil, ainda reproduz as desigualdades de gêneros e ações discriminatórias, uma vez que oferta brincadeiras e práticas estereotipadas e segregadas para meninos e meninas.

Deste modo, com base na literatura identificada, verifica-se que a educação infantil brasileira se configura ainda como uma educação sexista, discriminatória que reforça papéis binários rígidos de masculinidade e feminilidade em seus contextos. Com isso, torna-se possível identificar que as elaborações de masculinidade e feminilidade nas instituições de educação infantil brasileiras vêm ocorrendo de maneira estereotipada, segregada e sexista, portanto, reforçam papéis binários rígidos de masculino e feminino. O que evidencia a necessidade de se voltar o olhar para essa realidade a fim de elaborar discussões, estudos e propostas para contribuir com uma mudança capaz de ofertar uma educação mais igualitária para meninos e meninas da educação infantil.

Cravo (2006) identificou que as brincadeiras vêm reforçando padrões comportamentais e questiona o quanto a discriminação do brincar pautada no sexo do nascimento das crianças é capaz de impactar no processo de desenvolvimento das mesmas e chama atenção para a urgência de se pensar acerca dessas questões na educação infantil.

Bezerra (2006) traz luz acerca da amplitude do papel da escola na construção de conceitos ideológicos que são impostos às crianças através do brincar, ainda que, muitas vezes, até mesmo sem a intenção dos educadores. O autor evidencia como a simbologia do binário masculino e feminino perpassa por inúmeros elementos presentes nos brinquedos e brincadeiras em suas regras, formas, cores e sons, de modo a doutrinar comportamentos femininos para meninas e masculinos para meninos. Com isso, demonstra a ampla participação do brincar na construção dos papéis sociais, ainda que muitas vezes seja tido, erroneamente, como mero momento de lazer e desprovido de significados no desenvolvimento infantil.

Finco (2010) observa outra perspectiva para os estudos sobre a construção dos papéis sociais de gênero, uma vez que identifica a complexidade das interações que ocorrem no brincar em determinado espaço escolar, onde, apesar de existir uma oferta de brincadeiras de maneira estereotipada, as crianças também assumem uma postura ativa na construção de suas subjetividades, e, portanto, de masculinidades e feminilidades. A autora demonstra, que mesmo que haja uma educação voltada para a imposição de estereótipos rígidos, ainda assim, existe a possibilidade de rompimento desses padrões dentro do espaço escolar, uma vez que as crianças pequenas, na medida em que exploram o espaço, as brincadeiras e os brinquedos, superam as barreiras que lhe vão sendo impostas.

Também Inoue (2018) se volta para a ótica da complexidade estabelecida nas interações existentes no brincar de crianças pequenas, evidenciando que, nesta etapa, as crianças buscam ultrapassar os limites que lhe vão sendo impostos, indo além das rígidas ideologias de gênero em suas atividades e brincadeiras cotidianas.

Observa-se, deste modo, que as pesquisas apontaram, consistentemente, para a existência de uma educação sexista e que oferta brincadeiras e brinquedos de maneira estereotipada, contudo, estudos mais recentes (GOMES, 2005); (FINCO, 2010); (INOUE, 2018) passaram a indicar que existe a possibilidade de rompimento desses padrões, uma vez que as crianças pequenas também são sujeitos ativos na construção de suas subjetividades e buscam quebrar as regras impostas pelos adultos em suas brincadeiras.

Gomes (2005) evidenciou que ainda assim existe capacidade ativa, por parte das crianças, ao longo do processo de construção das subjetividades relacionadas a apropriação dos papéis associados a masculinidade e feminilidade, de modo que o brincar, sendo mecanismo de padronização de gêneros na infância, torna-se também potencial “dispositivo de ruptura da oposição binária entre o masculino e o feminino” (GOMES, 2005, p. 6).

O entendimento de que as crianças atuam ativamente na construção de suas identidades de gênero não reduz o impacto que as imposições rígidas de papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, que ofertados diariamente por longos períodos de escolarização, possui no desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e social dos indivíduos (MELO, 2003). Deste modo, constata-se que, já na educação infantil, as brincadeiras infantis mediam a apropriação, reprodução, ou ainda até mesmo a criação de novos significados de papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, e, portanto, configuram-se como importante elemento no processo de construção de uma educação igualitária para meninos e meninas.

Observou-se também que os estudos apresentaram grande preocupação com os aspectos conceituais no que diz respeito às questões de gênero. A concepção de que homens e mulheres possuem elementos distintos e inatos que influenciam nas suas escolhas, afetividade, caráter, comportamento, funções sociais, função e condições sexuais biológicas, uniformizando os indivíduos e deixando florescer a complexidade da humanidade. Os conceitos naturalistas são oriundos de uma perspectiva científica patriarcal e sofrem um processo de ressignificação e reestruturação nas produções atuais, pois os corpos não são mais entendidos de maneira isolada, mas sim como organismos que estão inseridos em contextos carregados de elementos simbólicos, culturais, de modo que se relacionam com estes produzindo diferentes “masculinidades” e “feminilidades” nas mais diversas sociedades (GOELLNER, 2007).

Diante da atual ressignificação, fica evidente que esta nova ótica de compreensão implica em uma limitação conceitual, uma vez que “masculinidade” não mais é capaz de representar todas as formas de ser homem em uma sociedade e tampouco “feminilidade” de representar todas as formas de ser mulher nos contextos históricos, culturais, econômicos e sociais. “Chama-se a

atenção para a necessidade também de um vocabulário que dê conta da multiplicidade das dimensões constitutivas das práticas sociais e individuais. Neste caso, a dimensão sexual” (RAGO, 1998, p. 92).

Com isso observa-se recorrentemente o uso dos termos “masculinidades” e “feminilidades” como uma nova forma de representar as diversas formas de expressão do masculino e do feminino, contudo, ainda assim, tratam-se de conceitos incapazes de expressar a pluralidade das formas de ser homem e mulher nas mais diversas sociedades existentes.

Os estudos mencionam que gênero não se refere uma condição imutável de ser humano, ou a um estado fixo de ser homem ou mulher, mas sim a uma construção dialética humana, que se constrói e reconstrói nas mais diversas culturas e interações sociais. Ainda assim, no senso comum, e também nos contextos escolares, acredita que os corpos de homens e mulheres trazem consigo características comportamentais inatas e imutáveis, concepção esta que instrumentaliza ações que limitam a liberdade à mera experimentação das mais diversas brincadeiras entre meninos e meninas, e, portanto, limitam também o desenvolvimento igualitário dessas crianças

Existe uma maior preocupação teórica, no ensino fundamental, contudo também é importante voltar o olhar para a educação infantil, uma vez que, desde muito cedo, as crianças vão internalizando papéis sociais estereotipados para meninos e meninas, e com isso o ambiente escolar, muitas vezes, ainda propaga o reforço de papéis masculinos e femininos limitando o desenvolvimento das crianças e criando segregação nas brincadeiras das crianças.

Discussões finais: questões de gênero na educação infantil e seu o impacto no desenvolvimento de meninos e meninas

Sobre os aspectos quantitativos identificou-se que, apesar de existir um número considerável de pesquisas referentes às questões de gênero no ensino fundamental, ainda assim existem poucas produções acerca do tema na educação infantil, uma vez que foram localizados 39 estudos. Conforme visto, também foi identificado que nos últimos 20 anos houve uma produção média

de 1,95 pesquisas por ano em gênero na educação infantil em todo o território brasileiro, demonstrando baixo interesse pelo tema com as variáveis envolvidas.

Com isso, verifica-se a importância de se investigar as construções de gênero no brincar na educação infantil e suas implicações no desenvolvimento de meninos e meninas uma vez que ainda há poucas investigações nessa etapa escolar.

A revisão sistemática evidenciou que existe um espaço a ser preenchido com novos estudos acerca da questão de gênero, uma vez que as pesquisas vêm voltando o seu olhar para o ensino fundamental, deixando de lado as demais etapas educacionais, inclusive a educação infantil.

Justifica-se a importância de preencher essa lacuna com novas pesquisas através do fato de que esta etapa educacional tem papel significativo nas construções de subjetividades das crianças, incluindo construções de gênero e papéis sociais. Sendo assim, para se contribuir com uma educação mais igualitária para meninos e meninas, torna-se fundamental também que as questões de gênero também sejam uma preocupação presente na literatura sobre a primeira infância.

Os mestrados acadêmicos foram apontados como maiores produtores de pesquisas acerca das questões de gênero na educação infantil, correspondendo a 74,28% do total localizado, existindo ainda baixa produção nos demais níveis de pós-graduação.

A Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e a Universidade de São Paulo, as responsáveis pelo maior número de publicações, a primeira com 6 estudos e 15,39%, a segunda com 5 estudos e 12,82% das investigações encontradas. As áreas de conhecimento envolvidas na produção dentro do tema observaram-se que o estudo dessas variáveis é objeto de maior interesse das ciências humanas, uma vez que compreende 68,57% e das ciências da saúde correspondendo a 20%. Sabe-se que, historicamente, produziu-se conhecimentos na educação sob a ótica de outras grandes áreas do conhecimento, e, portanto, surge “a necessidade de a educação afirmar-se como ciência autônoma, específica. Por isso com corpus teórico próprio, em que pese todas as dificuldades que tem enfrentado para conquistar esse status” (VALENTE,

1996, p. 55). Desta forma, também no que tange as questões de gênero nos espaços educacionais carece-se de um olhar não somente das ciências humanas, mas construído por educadores.

Além disso, notou-se que estes estudos, envolvendo as variáveis mencionadas, são recentes uma vez que foram encontrados trabalhos somente a partir de 1998. Também, são poucos os estudos sobre as implicações das práticas segregadoras de gênero nessa etapa escolar no desenvolvimento das crianças no que diz respeito a elementos motores, afetivos, cognitivos e sociais e o impacto que trazem para o desenvolvimento de meninos e meninas, uma vez que, conforme a literatura (MELLO, 2003), as brincadeiras são instrumento de ensino-aprendizagem, de forma que quando existem divergências no brincar de meninos e de meninas, há também contrastes no processo de desenvolvimento de ambos.

Percebeu-se que existe um campo aberto de estudos a serem desenvolvidos no que diz respeito aos aspectos de construção de identidade de gênero na etapa da educação infantil bem como de suas implicações no desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social de meninos e meninas.

Os localizados tiveram como principais referências as pesquisadoras Guacira Lopes Louro sendo citada 155 vezes e também a estudiosa Silvana Vilodre Goellner sendo citado 98 vezes. Com isso, conclui-se que as autoras constituem atualmente maior influência na investigação acerca de gênero no brincar da educação infantil no Brasil. É interessante observar que as principais pesquisadoras localizadas são mulheres, o que corrobora a afirmação de que o entendimento não naturalista de gênero ganha centralidade nas investigações com o surgimento do olhar feminino no mundo da ciência como nos explicita Rago (1998).

As construções das identidades de gênero que ocorrem na primeira infância são impactadas pelas relações e interações estabelecidas nas instituições de educação infantil, de modo que se torna fundamental questionar que práticas são capazes de ofertar um espaço de interações igualitárias para meninos e meninas, uma vez que a educação infantil brasileira ainda reproduz as desigualdades de gêneros, pois ainda oferta brincadeiras de maneira estereotipadas e segregadas para meninos e meninas, sendo, portanto uma educação

sexista, discriminatória que reforça papéis binários rígidos de masculinidade e feminilidade.

Quando meninos e meninas brincam e experimentam atividades divergentes, também estão recebendo estímulos de aprendizagem cognitiva, motora, afetiva e social divergentes, portanto acabam sendo inseridos em um cenário educacional desigual.

A partir do momento em que se supera o discurso naturalista acerca das identidades de gênero expressas em uma sociedade, e amplia-se a compreensão de que as “masculinidades” e “feminilidades” não possuem correlação direta com elementos sexuais biológicos inatos, mas são elaborações culturais complexas construídas historicamente, imediatamente percebe-se que não existe “brincadeira de menino” e “brincadeira de menina”.

Fica evidente também que essas brincadeiras carregam implícita e explicitamente elementos simbólicos do que se espera de feminilidade e masculinidade, visto que ao oferecer uma boneca para uma menina e um carrinho para um menino, por exemplo, oferece-se também a concepção de que a maternidade é tarefa da mulher e a mecânica diz respeito aos homens, quando na verdade tanto a maternidade quanto a mecânica são elementos que constituem o universo de homens e mulheres.

Os estudos apontaram consistentemente que não somente as instituições de educação infantil reproduzem papéis sociais rígidos para meninos e meninas através do brincar, mas também que poucos são os intelectuais e pesquisadores que voltam o seu olhar para essa etapa educacional, envolvendo o brincar, de modo que se nota que ainda há um longo processo teórico, político e cultural no caminho de uma educação igualitária para meninos e meninas.

Apesar dos dados quantitativos instrumentalizarem uma compreensão da amplitude do olhar sobre a questão, eles são insatisfatórios no que diz respeito a qualidade dos mesmos, contudo, uma análise envolvendo dados quantitativos e qualitativos subsidia uma reflexão mais profunda acerca do tema, uma vez que identificar a quantidade de produções dentro das questões de gênero permite questionar os motivos pelos quais se pesquisa mais determinada variável em detrimento de outra, permite ainda refletir os potenciais impactos dessas produções. Além disso, esses dados, aliados a aspectos qualitativos, ins-

trumentalizam o surgimento de pesquisas que venham contribuir preenchendo os espaços e lacunas ainda pouco explorados, de modo a se construir um corpo teórico capaz de impactar transformações educacionais.

Não se pode deixar de destacar que as produções acadêmicas e científicas atuando sozinhas não são capazes de causar uma transformação social no que diz respeito às questões de gênero nos espaços escolares, uma vez que devesse levar em consideração a complexidade de fenômenos políticos e culturais que envolvem o tema, contudo, sem dúvida, tais investigações, discussões e reflexões contribuem para isso. Deste modo, espera-se que essa revisão sistemática seja capaz de instrumentalizar novas investigações e mais estudos acerca das questões de gênero na etapa da educação infantil e suas implicações no desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social de meninos e meninas através do brincar.

Referências

BEZERRA, Josenildo Soares. **Escola e gênero: representações de gênero na escola**. 01/06/2006 98f. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais). Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção da identidade de gêneros na educação infantil**. 2009. F138. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2009.

CRAVO, Alessia Costa de Araújo. **Brincadeiras infantis e construção das identidades de gênero**. 2006 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Ensaio**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p.173-196, Mai 2007.

GOMES, Renata Fernanda Fernandes. **Infância e diversidade**: um estudo sobre significações de gênero no brincar. 2005 181f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Assis, 2005.

HANSEN, Janete et al. Brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: v.17, n.02, p. 133-143, 2007.

LEITE, Liana Góis; FEIJÓ, Jane Patrícia; CHIÉS, Paula Viviane. Qual o gênero do brincar? Aprendendo a ser “menino”... Aprendendo a ser “menina”. **Motrivência**, Brasília, v. 8, n. 47, p.210-225, 2016.

MELLO, Leila Mara; ROMERO, Elaine. Esquema corporal e desempenho escolar: uma análise à luz das questões de gênero. **Fitness e Performance**, Jacarepaguá, v. 6, n. 2, p. 347-356, 2003.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. **Pagu**, Campinas, v. 1, n. 11, p.89-98, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre – RS., v. 2, n. 20, p.71-99, jul. 1995.

SPINELLI, Nilton Cesar. **Posso brincar? Brincadeira de menino ou de menina**. 01/09/2003 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana). Instituição de Ensino: Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. **Meninas e meninos na educação infantil**: uma aquarela de possibilidades. 01/12/2000 138f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

VALENTE, Ana Lúcia. Uso e abusos da antropologia na pesquisa educacional. **Rev Pro-Posições**, Mato Grosso do Sul, v.7, n.2, 54-64, 1996.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, v.33, n.1, p. 265-283, 2009.

WENETZ, Ileana. **Presentes na escola ausentes na tua**: Brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade. 2012. 231 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.